

O Kene (Kashinawá)

Vamos contar uma história dos antigos. Aconteceu há muitos séculos. Foi no tempo do shubuã....

Shubuã é a casa onde os Huni Kui moravam antigamente.

Contam os antigos, que no tempo de shubuã, existiam muitas coisas diferentes, muitas coisas mesmo.

Era o tempo também, que as pessoas falavam com os bichos, com as plantas, com todos os seres encantados da terra e da água...

Foi com os seres encantados que os Huni Kui recuperaram muitas coisas do passado, perdidas durante um grande dilúvio.

Um dia começou a chover muito forte,

diz que chegou um repiquete e alagou tudo.

A alagação cobriu mato, terra, tudo. Terra alta também cobriu.

Era tanta água, tanta água... que brotava da própria terra...

As águas foram subindo os barrancos dos rios, alagando campos, inundando casas, cobrindo toda a floresta.

E as pessoas fugiam desesperadas, mas as águas subiam rápidas, alagando tudo...

Transformando o mundo num enorme rio sem fim.

E além do mais, as águas tinham poder. Poder mágico. Poder de transformar os homens em animais, os animais em seres encantados, os encantados em ferramentas e as ferramentas em peixes de várias espécies.

E foi assim que tudo: homens, animais, encantados, ferramentas e peixes, tudo ia sendo transformado pelas águas...

Mas havia uma casa, no topo mais alto desta terra, onde as águas demoraram um pouco mais a chegar. Nesta casa morava uma velha chamada Netê. Ela morava com o seu neto Yubê, um rapaz lindo, lindo, lindo...

Quando as águas foram chegando, Netê estava tecendo em frente ao seu tear, naquele tempo as mulheres teciam todos os dias, e Yubê dormia numa rede de algodão

Rede bonita, rede toda enfeitada com os desenhos da Cobra Grande.

Quando as águas tocaram seu corpo, Yubê, súbito, foi transformado numa enorme cobra jibóia!!!

Percebendo o tamanho do perigo, embora com alguma dificuldade, Netê conseguiu chegar até o telhado e pular num enorme tronco de samaúma que passava boiando por perto.

Por pouco Netê não foi pega pelas águas do grande dilúvio.

Agora Netê estava ali, descendo aquele rio imenso. Só, no meio daquele mundão de água.

Durante uma semana Netê viajou no tronco de samaúma.

Por isso chorava. Chorava muito. Chorava a perda de seus parentes e todo seu povo. Estava muito triste e não parava de chorar. Suas lágrimas, iluminadas, logo começaram a atrair insetos. Eram minúsculos voadores: abelhas, vagalumes, besouros e mosquitos de todas as espécies que ferravam sem dó, seus olhos.

Para se livrar dessas ferroadas, Netê Bekum pegou os insetos e arrancou suas cabeças colocando-os numa pequena cuia de cabaça que encontrou enrolada nos cipós que envolviam o tronco da samaúma.

Assim Netê passou dias e noites chorando, sem saber o que seria de sua vida

Passados muitos dias e noites de chuva e de escuridão, o sol voltou a brilhar, mas para Netê continuava noite escura.

Quanto mais ela chorava, mais insetos apareciam, aumentando sua dor.

Chorou tanto, que seus olhos secaram e ela ficou cega.

O tronco de samaúma parou de correr no rio e Netê sentiu que encalhou na praia e lá, sentada, esperou a alagação baixar. O rio começou baixar, baixar, baixar... até que findaram as águas. Percebeu que as águas haviam baixado quando seus pés tocaram num banco de areia.

Mas a terra continuou toda molhada e não tinha canto para a pobre mulher andar. Desolada, ali ela ficou muitas horas, triste, chorando e pensando na vida, o que ia ser da sua vida.

O que seria de Netê agora, só e cega?

Cuidadosamente, desceu até a praia do rio com a ajuda de um pedaço de pau. Levando consigo a cuia cheia dos minúsculos bichinhos que lhe incomodaram com tantas ferroadas. Caminhou até o salão do rio e sem saber para onde ir, perambulou sem rumo... Até que suas mãos tatearam algo:

Eram outras cabaças. Pegou uma delas, cortou a ponta, esvasiou a polpa e continuou chorando dentro da cabaça, que logo encheu com os seus líquidos, lágrimas, catarro e saliva que saia de sua boca.. Quando já estava cheia, pegou uma enorme abelha negra e a fechou firmemente dentro da cabaça!

O mesmo ela fez com todas as outras, a segunda, a terceira e a quarta cabaça.

Mal colocou a última cabaça ao lado das outras, a primeira espocou, fazendo nascer um menino!

Netê ficou feliz por não estar mais só no mundo, e ficou mais feliz ainda, pois as outras cabaças também espocaram fazendo surgir um monte de meninos e meninas. E aí, ela começou a escutar crianças choramingando. As vozes penetravam nos ouvidos de Netê, como a zoadá de uma enorme colméia.

Tateou com as mãos. Surpresa percebeu que estava diante de muita gente!

Os insetos que tanto a incomodaram eram, na verdade, crianças de diversas nações e diferentes línguas, encantadas pelas águas do grande dilúvio.

Embora com dificuldade, ficou muito contente de não estar mais só no mundo. Estava cega mas entendia tudo, sabia de tudo. Netê passou então, daquele momento em diante, a ser assim como um pajé.

Chamou o primeiro menino de Inubakê, a primeira menina de Banubakê, a segunda menina de Inanibakê e o segundo menino de Duabakê.

Reuniu as crianças na margem do rio e contou a história de como tinha perdido seu povo durante o dilúvio. Resolveu adotar aquela gente como seus parentes e daquele dia em diante, ensinou a língua. Quando todos aprenderam a língua, Netê convidou seus parentes a partir pelos barrancos e a subir pelas praias dos rios a procura de seu lugar de origem.

Assim fizeram.

Embora cega, pois seus olhos secaram de tanto chorar, Netê ainda tinha uma percepção muito aguçada... e através do tato, do cheiro, do som, ela ia identificando para seus parentes as frutas de seu povo comer e as ferramentas abandonadas na mata durante o grande dilúvio.

Foram subindo o rio, andando pelos barrancos e pelas praias. Todo aquele povo.

Até que acharam no caminho um pé de amendoim!

- Este aqui é um pé de mundubim! Uma planta, a gente planta isso! A gente come. Isso é coisa boa! Foi o repiquete que trouxe lá de cima. Vamos guardar pra plantar depois.

No outro dia acharam um pé de macaxeira!

A velha pegou na folha, apalpou, mexeu e disse:

- Isso aqui pé folha de macaxeira que nós plantamos! O rio alagou e trouxe este pau de maniva que está nascendo aqui! Vamos pegar e guardar pra plantar.

Continuaram andando, andando e acharam no caminho, um pé de milho!

- Esse daí, é um pé de milho! É pé que a gente come, a gente planta! Vamos levar, pra plantar.

Essa planta é nossa, a gente come assada no fogo, faz pamonha, prepara caiçuma para tomar e mistura com mundubim.

E assim foram achando pé de hortelã, abacaxi, graviola, cupuaçu, andiroba, castanha, carambola, buriti, cajá, bacuri, umbu, pitomba, batata baroa, inhame, bananas de vários tipos, urucum!!

Continuaram andando, andando até que chegaram no outro rio, um igarapé de água preta, que quando se andava nele ficava marca na terra. Eles foram andando e fazendo marca até chegar na outra boca.

- Vamos entrar nessa água aqui. É outro rio. Este aqui é de água branca.

Eles foram andando, andando, fazendo aquela marca branca, andando e deixando marca branca na areia branca do rio.

- Água branca vai prá acolá. Agora vamos entrar nessa outra boca.

Entraram então num rio de água verde, verdinha. Entraram no rio de água verde e foram andando e fazendo marca, outra marca. A primeira foi feita na água preta. A segunda, na água branca,. A terceira, na água verde.

E andaram, andaram, andaram...

Até que chegaram no lugar onde o povo de Netê morava antes do dilúvio.

Lugar bom de fazer casa. Mandou que todos construíssem uma casa, para que pudessem se abrigar e com as sementes que tinham colhido durante a viagem, ensinou em que tempo era melhor plantar os roçados, o que plantar primeiro e quando era o tempo da colheita.

Ensinou as festas, as cantigas e a tecer os fios de algodão..

Netê ensinou quase tudo, só não pode ensinar os desenhos, pois sua cegueira impedia.

Nesse lugar ficaram vivendo e Nete Bekum passou muito tempo ainda ensinando.

Quando morreu, todos sentiram muito a sua falta. Mas nesta altura as pessoas já sabiam muitas coisas, sabiam que tinham muitos encantados na floresta.

Foi com um desses encantados que descobriram de onde vem os desenhos, o kene.

Quando as mulheres aprendem a tecer, elas aprendem que tudo na natureza tem alma. Elas aprendem a ver a alma, contida em todas as coisas, na pele da cobra jibóia.

Foi assim que um dia, quando uma mulher saiu para ir apanhar água no igarapé distante de sua casa, encontrou no meio do caminho, uma enorme cobra jibóia.

Ao ver a cobra, Sirianê, ficou parada, hipnotizada por aquela beleza que, em movimentos suaves, aproximava-se lentamente.

Temerosa, devagar, com todo cuidado, ela foi admirando os belos desenhos da sua pele.

E ficou apavorada quando - de repente - a jibóia, ao chegar bem próximo de Sirianê, transformou-se num belo rapaz, que falou:

- Você me atraiu com seu olhar! O que vc está admirando tanto em mim?

Sirianê recuou assustada, e respondeu quase sem voz, pelo susto:

- Estou admirada com a sua beleza, nunca vi nada igual! Gostaria muito de saber fazer os desenhos desenhos que você tem no seu corpo nas minhas roupas.

- Se você quiser posso ensinar.

- Como? Respondeu Sirianê, não acreditando no que estava vendo e ouvindo.

- Você não pode ter medo. Eu vou me transformar novamente em cobra e vou me enrolar no seu corpo para lhe ensinar os desenhos.

Embora muito assustada com tudo aquilo, mas ao mesmo tempo fascinada, Sirianê permaneceu imóvel concordando com as falas da jibóia.

Então o belo rapaz transformou-se novamente numa imensa cobra e começou a enrolar-se em todo corpo de Sirianê até chegar com sua cabeça bem próxima ao ouvido. Quando terminou de ensinar, falou:

- O desenho que lhe ensinei chama-se Txire Beru. Esse é o primeiro desenho que você tem que aprender, há ainda muitos outros para eu lhe ensinar...Mas tem que ser um de cada vez. Se você quiser volte amanhã nesta mesma hora e neste mesmo lugar e não conte este segredo a ninguém.

Sirianê voltou para casa feliz com aquele encontro surpreendente, tão feliz que se esqueceu até da água que tinha ido buscar na fonte.

Logo que chegou em casa, montou seu tear e foi tecer o Txire Beru para não esquecer dos primeiros ensinamentos da jibóia encantada.

Assim Sirianê passou a ir a mata todos os dias. Cada dia ela aprendia um desenho diferente.

Os afazeres de casa tinha deixado de lado, quando não estava na floresta, estava junto ao seu tear tecendo.

As mulheres da aldeia, também fascinadas com aqueles desenhos nunca vistos, começaram a indagar de onde ela estava aprendendo toda aquela beleza. Sirianê respondia que era de sua

própria cabeça. De repente todas as mulheres começaram a trabalhar juntas, aprendendo a fazer aqueles lindos desenhos.

O marido começou a ficar desconfiado com essa história. Sua mulher havia mudado muito o seu comportamento. Nem ligava mais para sua presença, quando a convidava a coçar suas costas ela sempre respondia que estava trabalhando.

- Agora não posso, marido. Estou muito ocupada tecendo uma linda roupa para você.

Mas o marido não se convenceu muito com essas desculpas. Achava muito estranho as ausências da sua mulher, se embrenhando na mata todos os dias.

Todos os dias, Sirianê voltava ao mato e ficava esperando a Jibóia, que se aproximava, se enrolava nela e ia sussurando o jeito de fazer os desenhos. Quando completou os 25 desenhos, Yubê falou:

- Todos estão muitos desconfiados com os seus passeios pelas floresta. Se o seu marido nos surpreender juntos, vai nos matar. Cheguei ao fim dos meus ensinamentos. Você já aprendeu todos os desenhos que tenho no meu corpo e ensinou para as outras mulheres. Agora já posso te contar o meu segredo, quando você voltar para aldeia deve contar para sua melhor amiga de onde você aprendeu esses desenhos:

Então a jibóia revelou para Sirianê quem era:

- Sou Yubê, neto de Netê Bekum, a feiticeira cega, encantado nesta jibóia durante o dilúvio há muito tempo passado.

Quando Yubê terminou de contar sua história, Sirianê estava mais fascinada ainda, e pediu a Yubê:

- Volta, volta! Eu não posso mais viver sem você! Agora que me ensinou todos os desenhos, bem que você poderia se transformar de novo no lindo rapaz que é, e vir viver junto dos seus parentes...

- Não posso mais, quando te encontrei, você me desencantou com o seu olhar, Mas para lhe ensinar os desenhos tive que voltar ao meu encanto. Agora não posso mais, preciso partir.

Embora muito triste, Sirianê retornou para casa e fez exatamente o que Yubê lhe havia pedido. Chamou sua melhor amiga e revelou o seu grande segredo.

Rapidamente esta notícia se espalhou por toda a aldeia.

- Yubê é uma jibóia encantada que vive na floresta!

O marido de Sirianê tomou conhecimento desta notícia que lhe tocou como uma flecha o coração. Ele não quis acreditar na história que todos estavam comentando na aldeia, do que estava acontecendo com sua mulher. E quando Sirianê decidiu ir a floresta ainda mais uma vez, uma última vez... enciumado, foi ele atrás escondendo-se por entre os grandes troncos das árvores. Acabou vendo com seus próprios olhos o que não queria ver! E viu. Sua mulher estava ali! Abraçada a uma cobra jibóia.

Sem poder conter sua dor, pegou da borduna e partiu para cima deles.

Yubê e Sirianê ficaram para sempre abraçados um ao outro, e renascem a cada fio de algodão, tecido pelas mãos das mulheres tecelãs.

Fonte: Organização dos professores indígenas do Acre. Shenipabu Miyui: história dos antigos. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2000.

Versão: Roda de Histórias Indígenas

